

COM QUEDA DE ALIMENTOS EM IPCS, IPCA PODE TER 1ª DEFLAÇÃO PARA O MÊS DE SETEMBRO EM 21 ANOS

Por: Thaís Barcellos

São Paulo, 18/09/2019 - Os resultados do Índice de Preços ao Consumidor - Semanal (IPC-S) e do Índice de Preços ao Consumidor da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (IPC-Fipe) evidenciaram uma nova rodada de queda dos preços de alimentos e levaram a **Austin Rating** a revisar sua estimativa para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de setembro. Agora, a instituição espera queda de 0,04%, de alta de 0,06% anteriormente, informou, com exclusividade ao Broadcast, o **economista-chefe Alex Agostini**.

Caso a estimativa negativa para o IPCA de setembro seja confirmada, será a primeira deflação para o mês desde 1998 (-0,22%). Em 2018, houve alta de 0,48%, já o IPCA de agosto subiu 0,11%.

Hoje, a Fipe informou que o IPC desacelerou de 0,29% na primeira quadrissemana de setembro para 0,13% na segunda leitura, conduzida pela deflação maior de Alimentação, de 0,02% para 0,54%. Na segunda-feira, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgou que o IPC-S arrefeceu de 0,15% para 0,05%, enquanto Alimentação ampliou a queda, de 0,44% para 0,67%.

A **Austin** também revisou a projeção para o IPCA de 2019, de 3,65% para 3,42%, e de 2020, de 3,98% para 3,74%.

Com esse novo cenário e também em função dos últimos resultados de atividade econômica, a Austin se juntou às instituições que já estimam que a taxa Selic vai ficar aquém de 5,0% no fim deste ano. A expectativa da instituição passou de 5,0% para 4,75%.

"Nesse caso, o Banco Central realizaria um corte de 0,25 ponto porcentual na última reunião de 2019, mantendo o padrão histórico de gestão de política monetária, que é desacelerar antes de interromper totalmente o processo. Somente ocorreria um corte de 0,50pp em dezembro caso a comunicação do BC com os agentes econômicos seja muito clara, objetiva e eficiente ao ponto de convergir a curva de juros futuros para as expectativas de 4,50%", explica o economista-chefe.

Para 2020, a projeção mudou de 7,0% para 6,0% por causa da recuperação econômica ainda fraca, o cenário externo menos nocivo e a inércia inflacionária menor, segundo a expectativa de Agostini.

Contato: thais.barcellos@estadao.com